

AFRICAN UNION

الاتحاد الأفريقي

UMOJA WA AFRIKA



UNION AFRICAINE

UNIÃO AFRICANA

UNIÓN AFRICANA

---

P. O. Box 3243 Addis Ababa, Ethiopia Telephone 011 517 700 Fax: 011-517844

Website: [www.au.int](http://www.au.int)

---

ARB66582 – 13/13/34/10

## **CIMEIRA AFRICANA SOBRE FERTILIZANTES E SAÚDE DOS SOLOS** **DOCUMENTO DE SÍNTESE**

### **I. Contexto**

Desde o início do século XX que África tem vindo a registar um declínio generalizado da qualidade dos solos das terras agrícolas - um fenómeno que perdura até hoje e que tem um impacto negativo na capacidade de produção agrícola e na segurança alimentar do continente. Em Junho de 2006, os Chefes de Estado e de Governo da União Africana subscreveram a Declaração de Abuja sobre Fertilizantes para a Revolução Verde em África, uma estratégia continental para inverter a tendência preocupante de baixa produtividade dos solos africanos.

A Declaração centrou-se nos principais objectivos necessários para o crescimento agrícola, a segurança alimentar e o desenvolvimento rural em África, com destaque ao papel dos fertilizantes. Recomendou um aumento da utilização de fertilizantes de 8 kg/(nutrientes)/ha para 50 kg (nutrientes)/ha em 10 anos e a criação de um Mecanismo Africano de Financiamento de Fertilizantes (AFFM), com o objectivo de melhorar a produtividade agrícola através do financiamento necessário para aumentar a utilização de fertilizantes em África, de modo a alcançar o objectivo de 50 kg de nutrientes por hectare, tal como previsto na Declaração de Abuja.

Decorridos quinze anos desde a Declaração de Abuja, a narrativa da agricultura e da segurança alimentar em África evoluiu significativamente. O próprio mercado dos fertilizantes mudou, incluindo os papéis que os intervenientes dos sectores público e privado estão a desempenhar.

Outra mudança importante desde Abuja é o reconhecimento crescente do papel fundamental da gestão sustentável dos solos. O declínio da saúde dos solos tem prejudicado a eficiência da utilização dos fertilizantes e impedido o crescimento da produtividade agrícola, a segurança alimentar e a sustentabilidade ambiental em todo o continente.

Consequentemente, o crescimento económico e o bem-estar - especialmente para a população rural, que depende directamente da agricultura para a sua subsistência - foram prejudicados no continente. Por conseguinte, impõe-se rever o estado sanitário dos solos africanos, no sentido de recalibrar as estratégias que estão a ser aplicadas para aumentar a produtividade dos solos e obter ganhos mais elevados e sustentáveis em termos de rendimento das culturas, bem como de crescimento e transformação económicos e bem-estar geral.

## II. Fundamentação do Plano de Acção Africano para Fertilizantes e Saúde dos Solos

Como resultado de décadas de exploração contínua de nutrientes do solo e da idade dos solos, os solos africanos, que se encontram entre os mais antigos do mundo, tornaram-se os mais pobres do mundo. Calcula-se que o continente perde mais de 4 mil milhões de dólares em nutrientes dos solos todos os anos, pondo seriamente em risco a capacidade de África para se alimentar. No entanto, uma grande parte dos agricultores africanos não tem acesso a fertilizantes nem pode pagar os factores de produção necessários para dar vida aos seus solos e inverter a espiral descendente de degradação do ambiente físico.

Nos últimos 10 anos, o crescimento do consumo global de fertilizantes manteve-se abaixo dos 2% ao ano; durante este período, o consumo de fertilizantes em África manteve consistentemente uma taxa de crescimento anual de aproximadamente 8%, e o consumo médio de fertilizantes na África Subsariana em 2021 aumentou para 18 kg (nutrientes)/ha. Vários países têm histórias de sucesso que desempenham um papel nesta narrativa em mudança. Por exemplo, na Nigéria, o sector privado investiu mais de 4 mil milhões de dólares em novas fábricas de amoníaco/ureia desde 2006.

No Quénia, o aumento dos investimentos em redes de distribuição levou à redução para metade da distância que os pequenos agricultores têm de percorrer para a compra de fertilizantes, de 8,7 km em 1997 para 4,9 km em 2014. Na Etiópia, abandonaram as recomendações de fertilizantes "gerais" e introduziram uma nutrição equilibrada das culturas, enquanto quadruplicavam o consumo de fertilizantes.

Por outro lado, o AFFM, criado pelo Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), registou progressos significativos no apoio à cadeia de valor dos fertilizantes em diversos países, estabelecendo um sistema integrado que facilita o acesso dos agricultores a fertilizantes de qualidade e a boas práticas agrícolas. Com a colaboração de diferentes intervenientes, os dois programas-piloto do AFFM na Tanzânia e na Nigéria viabilizaram a facilitação de garantias de crédito a comerciantes e retalhistas agrícolas e ajudaram a impulsionar as vendas de insumos agrícolas. Até à data, o montante total mobilizado pelo AFFM ascende a 15,3 milhões de dólares, incluindo contribuições do BAD, da República Federal da Nigéria, da AGRA e da República Federal da Tanzânia.

Quando a primeira Cimeira de Fertilizantes foi realizada, em 2006, a maioria dos mercados de fertilizantes em África era dominada por comerciantes nacionais e internacionais com incentivos limitados para a criação de canais de abastecimento sólidos ou para o fornecimento de fertilizantes adaptados às necessidades específicas do solo e das culturas. Uma década e meia depois, registou-se um aumento dramático na utilização dos recursos minerais africanos para a produção de fertilizantes. Embora a maior parte desta produção seja exportada para fora do continente, este não deverá ser necessariamente o caso no futuro.

Os investimentos a longo prazo em fábricas de produção de fertilizantes e em instalações de mistura estão a gerar uma mudança de paradigma, centrada na criação de canais de distribuição sustentáveis e competitivos e na rentabilidade do cliente (agricultor), em vez de lucros rápidos a curto prazo. Os governos africanos também estão mais abertos à noção de mercados de fertilizantes liderados pelo sector privado e, portanto, dispostos a criar um ambiente político e regulamentar favorável. Assim, o crescimento do consumo de fertilizantes em África, combinado com a convergência de interesses dos sectores público e privado, cria uma oportunidade para o desenvolvimento

de um roteiro mais holístico que aborde cada vez mais as questões de sustentabilidade, incluindo o papel fundamental da saúde dos solos.

A despeito destas tendências encorajadoras, a quantidade média de fertilizantes aplicada às plantações em África implica que, de um modo geral, os solos africanos continuam a degradar-se devido a práticas insustentáveis de gestão dos solos, causando a extração de nutrientes e o aumento da degradação dos solos, e reduzindo as reservas de carbono e a resistência às alterações climáticas e aos choques.

Quando a matéria orgânica dos solos diminui, os fertilizantes minerais tornam-se menos eficientes, conduzindo a uma espiral descendente da produtividade agrícola, com efeitos devastadores na capacidade produtiva dos solos e na segurança alimentar e nutricional do continente. Embora existam muitos dos alicerces para uma solução à deterioração da saúde dos solos em África, a atenção e os recursos globais dedicados a esta problemática têm sido fragmentados e inadequados.

Consequentemente, o declínio da qualidade dos solos em todo o continente continua a verificar-se - com grandes custos para África e suas populações e, cada vez mais, com grandes custos para o mundo. A inversão desta tendência tornou-se ainda mais urgente e crucial, uma vez que as atenções a nível mundial se voltaram para a potencial contribuição que esta situação poderia dar para aumentar os níveis globais de sequestro de carbono; o aumento da saúde dos solos africanos é uma estratégia vantajosa para todos: aumentará a produtividade agrícola africana, diminuirá gradualmente as importações de alimentos em grande escala e contribuirá para enfrentar a crise climática global.

O desafio será, portanto, proceder à transição da agricultura africana de uma actividade de exploração mineira dos solos e de baixa produtividade para uma actividade altamente eficiente com um mínimo de emissões, evitando os erros de utilização excessiva e de má gestão dos nutrientes cometidos noutros continentes e conseguindo-o a um ritmo jamais visto em qualquer outro lugar na história. É necessário passar da utilização exclusiva de fertilizantes para uma gestão holística e sustentável dos solos. Por conseguinte, é urgente elaborar um Plano de Ação Africano para os Fertilizantes e a Saúde dos Solos, com soluções e investimentos de elevado impacto num horizonte de 10 anos, a fim de acelerar o acesso aos fertilizantes e à gestão sustentável dos solos, reduzir as disparidades de rendimento e contribuir para uma transformação agrícola sustentável no contexto de um clima instável no continente.

A realização da Cimeira Africana de Fertilizantes e Saúde dos Solos e o desenvolvimento da Iniciativa de Solos para África (ISA) e o Plano de Ação Africano de Fertilizantes e Saúde dos Solos foram adoptados pela primeira vez na 40<sup>a</sup> Sessão Ordinária do Conselho Executivo, realizada em Adis Abeba, Etiópia, em Fevereiro de 2022, através Decisão (EX.CL/Dec.1144(XL)). Uma vez que a Cimeira não se realizou em 2022/2023. A decisão de organizar a Cimeira em 2024, foi aprovada na 37.<sup>a</sup> Sessão Ordinária da Assembleia, que se realizou em Fevereiro de 2024, em Adis Abeba, Etiópia.

### **III. Objectivos da Cimeira**

A Cimeira tem por objectivo reunir todas as partes interessadas pertinentes para destacar o papel crucial dos fertilizantes e da saúde dos solos na promoção do crescimento

sustentável da produtividade em prol dos pobres na agricultura africana e para que seja acordado um Plano de Acção Africano para os Fertilizantes e a Saúde dos Solos, bem como a Iniciativa de Solos para a África.

#### **IV. Documentos de Referência**

Para fundamentar os debates e as deliberações durante a cimeira, foram encomendados os seguintes estudos:

- I. Mega Tendências: Principais Tendências, Desafios e Oportunidades para a Agricultura em África. Responsável – ANAPRI;
- II. Os impactos da Zona de Comércio Livre Continental Africana no sector dos fertilizantes. Responsável – FAO;
- III. Os riscos dos agricultores e a utilização económica dos fertilizantes em África. Responsável – ANAPRI;
- IV. Política de fertilizantes e quadros regulamentares. Responsável - ANAPRI e AFAP;
- V. A prevalência e o custo da degradação dos solos em África: implicações e imperativos de intervenção urgente. Responsável – APNI;
- VI. Orientações políticas para incentivar práticas de saúde do solo a nível nacional. Responsável – FARA;
- VII. Promover a gestão sustentável dos solos para aumentar os recursos orgânicos nas explorações e paisagens agrícolas. Responsável – FAO;
- VIII. Identificação de mecanismos de financiamento para reforçar a oferta e melhorar a disponibilidade de fertilizantes inorgânicos. Responsável - AFAP, AFFM, EBID;
- IX. Eficácia e desempenho dos regimes de financiamento existentes para contornar os condicionalismos de financiamento dos fertilizantes. Responsável - AFFM, AFAP;
- X. Aperfeiçoar os padrões e criar directrizes políticas sobre o financiamento de fertilizantes, padrões de financiamento de cadeias de abastecimento. Responsável - IFDC, Wallace & Associates;
- XI. Desenvolvimento de um Plano de Monitorização para Controlar a implementação do Plano de Acção do AFSH. Responsável - IFDC
- XII. Análise das tecnologias e inovações existentes sobre o uso eficaz de fertilizantes no sistema de pequenos agricultores. Responsável – APNI;
- XIII. Questões sectoriais que afectam a saúde dos solos. Responsável - APNI, FAO;

- XIV. Mecanismos utilizados para financiar a cadeia de distribuição de fertilizantes, da importação ao agricultor. Responsável - BAD.

A síntese dos resultados destes estudos será compilada num Livro Branco.

## **V. Participantes**

Prevê-se que a Conferência congregue os Chefes de Estado africanos, altos funcionários governamentais, decisores políticos de alto nível, actores do sector privado e organizações da sociedade civil. Participarão também representantes de organizações de agricultores e de agências de desenvolvimento, designadamente Organizações Não Governmental, ONG, académicos e cientistas, bem como representantes das principais organizações doadoras.

## **VI. Estrutura da Cimeira**

- a. Validação dos documentos técnicos pelas partes interessadas (pelo menos 3 semanas antes do Conselho Técnico Especializado (CTE),
- b. Reunião extraordinária do Comité Técnico Especializado (CTE) da Agricultura, Desenvolvimento Rural, Água e Ambiente (pelo menos 6 semanas antes da Cimeira),
- c. Reunião do Conselho Executivo,
- d. Cimeira principal.

## **VII. Resultados previstos**

Espera-se que seja aprovado um Plano de Ação de 10 anos, que fará recomendações concretas para as medidas a serem tomadas pelos líderes africanos e intervenientes nos próximos 10 anos. O Plano de Ação proporcionará um enfoque para novas políticas e investimentos que permitirão aos agricultores trabalhar com vista a reconstruir a saúde dos solos e, em última análise, aumentar as respostas de rendimento e a rentabilidade dos fertilizantes. Espera-se também que o Plano de Ação seja subscrito pelos principais parceiros do sector público e privado, em todos os países africanos, com o seguinte:

1. Declaração de Nairobi
2. Plano de Acção de 10 Anos
3. Iniciativa dos Solos para África (SIA)